

# Modesto e generoso era estimado por todos

— evocação de Ricardo Rangel

«Com o desaparecimento físico de Daniel Maquinasse não perdemos só um grande profissional de fotografia, mas também um camarada e um homem querido e estimado por todos quantos tiveram a oportunidade de com ele trabalhar e conviver de perto». — Palavras de Ricardo Rangel, num depoimento evocativo da figura de Maquinasse, seu companheiro e amigo, um e outro profissionais do mesmo ofício.

— Conheci Daniel Maquinasse em Lusaka, durante a assinatura dos acordos entre a Frente de Libertação de Moçambique e o Governo português, na Zâmbia. Na mesma altura, conheci também o Major Soares.



Deste nosso encontro nasceu uma grande amizade. Fizemos projectos não apenas de trabalho. Desde então aprazámo-nos para um dia irmos à Catembe e de lá fotografar esta cidade — esta cidade que ele considerava uma beleza vista do lado de lá da baía —, infelizmente, nunca mais concretizámos a ideia — acrescentou Ricardo Rangel.

Daniel Maquinasse era o fotógrafo oficial de Presidente Samora Machel, mas o amor e o gosto pela fotografia ganharam muito cedo na Beira, onde foi amador. Quando um dia resolveu ir juntar-se à FRELIMO, em Dar-es-Salaam para combater o colonialismo português, não abandonou a sua máquina fotográfica, antes «com a arma de um lado e a máquina do outro, registou as várias fases da nossa luta».

— Trouxe para o nosso conhecimento, para o conhecimento dos moçambicanos, a nossa fotografia nova, aquela que falava da guerra que o Povo moçambicano travava contra o invasor colonialista. Conhecíamos a guerra que se fazia do lado de cá, dos portugueses, da guerra que era noticiada em Camboja, Vietname e outros, mas não sabíamos nada daquela que diariamente se fazia no nosso País. Maquinasse trouxe na sua fotografia a vida, a história feita por moçambicanos nas zonas libertadas, essa história que ele agora nos legou — considera Ricardo Rangel.

Ligados por uma amizade que não conhecia fronteiras nem barreiras, unidos pelo amor, à fotografia, «à boa fotografia», Maquinasse e Rangel trabalharam lado a lado em diversas ocasiões, no estrangeiro e no interior do País, situação que serviu para os aproximar e cimentar a amizade e respeito que nutriam um pelo outro, que os fazia trocar visitas sempre que o trabalho o permitia.

— Maquinasse possuía um excelente relacionamento que o tornou admirado e querido entre os seus colegas, especialmente entre os fotógrafos. Sentia-se em todas as redacções dos nossos jornais, estúdios das secções fotográficas dos órgãos de Informação, como se estivesse em sua própria casa — recorda Ricardo Rangel.

Com uma voz serena, aqui e ali entrecortada por uma emoção inevitável e indisfarçável, Ricardo Rangel procura uma ou outra vez, recorrendo às inúmeras fotografias que tiraram juntos, definir um melhor «retrato» do que foi Daniel Maquinasse em vida.

— Sempre disposto a dar a mão, sempre pronto a ajudar, Maquinasse era um homem generoso, de coração aberto, sempre disposto a ensinar o que sabia, mas senhor de uma grande modéstia. Era extremamente dedicado à família e sempre preocupado com os filhos. Era ouvi-lo durante as viagens procurando sempre uma lembrança para eles. Perdemos um grande amigo e camarada — concluiu Ricardo Rangel.